

DA ARTE DE RENOVAR O HOMEM USANDO BORBOLETAS Diferença e repetição na poesia *urbana* de Manoel de Barros

Mestrando Fernando Floriani Petry (UFSC)¹

Resumo:

Este artigo procura uma possível interp(h)elação entre as repetições e diferenças – sob o olhar de Deleuze – a poesia de Manoel de Barros e os conceitos de Cidade Moderna, Cidade Funcional na Carta de Atenas, manifesto urbanístico de 1933. Manoel de Barros, através de mecanismos de repetição e diferenciação constrói, sob a máscara de lesmas, formigas e pedras, sua própria cidade, afuncional, e não-moderna – a qual também se constitui enquanto tal através de fenômenos de repetição e diferença, ressignificando o signo Moderno e atualizando a potência Cidade.

Palavras-chave: Repetição – Diferença – Poesia – Cidade

Introdução

Antes de qualquer coisa, defendo o título do artigo. A arte de renovar o homem usando borboletas vem de um verso de Manoel de Barros, na poesia de número 11, da Biografia do Orvalho, no livro Retrato do artista quando coisa. Oferecer uma proposta para uma renovação é o que faz a Carta de Atenas, ao preocupar-se em (re)construir cidades universais e funcionais em uma Europa devastada pelas Grandes Guerras. Ambas as propostas procuram a renovação de um homem moderno, como será abordado mais adiante. O que as difere são os mecanismos de repetição e diferença que as compõem. O subtítulo escolhido para este texto é ainda mais ousado, na medida em que afirma ser urbana a poesia tipicamente pantaneira do poeta do pantanal, Manoel de Barros. O regionalismo com que se estuda comumente o poeta é o pior elemento de sua poesia. Ouso, portanto, ler cidade – ainda que invisível, para lembrar Calvino – em uma obra repleta de figuras pantaneiras repetidas e diferenciadas por esse desfilar de lesmas, formigas, Bernardos, nadas, entidades coisais.

Vale a ressalva de que considerar puramente urbana a obra de Manoel de Barros seria ignóbil. O que aqui se considera urbano é as correspondências do simulacro de um ser humano, ser urbano e ser moderno na poesia de Barros.

Este pequeno artigo será dividido em quatro partes, sendo a primeira esta introdução; a segunda, uma leitura dos conceitos de repetição e diferença, de Gilles Deleuze; na terceira, esses conceitos vistos dentro da cidade funcional, cidade moderna proposta pela Carta de Atenas; e a quarta parte reservada à interp(h)elação entre tais conceitos, tais cidades, a poesia de Manoel de Barros e a proposta do autor de renovar o homem usando borboletas.

DIFERENÇA E REPETIÇÃO – A LEITURA DE DELEUZE

No prólogo do livro Diferença e Repetição, de Gilles Deleuze, lê-se que a diferença e a repetição tomaram o lugar do que era idêntico e do que era negativo, pois a “diferença só implica o negativo e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico” (DELEUZE 1988: 15). A identidade, a repetição tem como terreno de domínio a representação, mas o pensamento moderno, desde Baudelaire, nasce justamente da falência dessa representação, da

queda da identidade e do idêntico, e da "descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico" (Idem: 16). E eis a sentença de Deleuze: O mundo moderno é o dos simulacros. E é sobre esses simulacros que a diferença e a repetição agem, nos quais o esperado é que se faça com que todas as repetições possam conviver no espaço da diferença.

A repetição, como modo, uso, mecanismo, concerne exclusivamente ao elemento singular insubstituível, pois repetir não é acrescentar uma segunda ou terceira vez, mas sim manter a primeira vez como única, opondo-se a generalidade de um elemento particular e a repetição do elemento singular insubstituível como a universalidade do singular. A formulação de um anacronismo real, que transpõe e copia um ato passado pode ser entendida como um fenômeno de repetição. A singularização do ato lhe dá uma ordem de potência somente recuperada através de um anacronismo formal, da reatualização de tal potência.

Pius Servien, citado por Deleuze, distinguia as duas linguagens, "a linguagem das ciências, dominada pelo símbolo da igualdade, onde cada termo pode ser substituído por outros, e a linguagem lírica, em que cada termo, insubstituível, só pode ser repetido" (SERVIEN apud DELEUZE 1988: 22). Portanto, e através das duas linguagens, a repetição é universalmente singular – cada termo possui sua significação e seu significante específico dentro da lírica –; já a semelhança é a generalidade de elementos particulares, na qual um, hum, 01, 1 possuem todos o mesmo sentido, a mesma igualdade.

Dentro da teoria dos números, o um é o indivíduo, o particular. Dois é o total, o universal. Já o três é o resto, a so(m)bra.

Assim sendo, a repetição leva à desconfiança de termos como repetição pura, por si só, uma vez que o processo de repetição dá-se sempre através de mecanismos de diferenciação em relação a tudo o que o circunda – seja por sincronismos, diacronismos ou anacronismos, pois,

se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade (1) contra o geral (2), uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é uma transgressão (3) (Idem: 24).

Transgressão da própria repetição, se for ela apenas superficial. Esses mecanismos de diferenciação dão-se através das trípticas espaço, tempo e cultura. Sincronismo, diacronismo, anacronismo. O processo de diferenciação e as diferenças são vistos, procurados para desfazer as semelhanças a fim de descobrir-se uma igualdade que possa caracterizar um fenômeno particular como repetição.

CARTA DE ATENAS – DE SEMELHANÇAS A IGUALDADES, DA DIFERENÇA À REPETIÇÃO

A Carta de Atenas é um documento produzido por urbanistas participantes do quarto Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas, no ano de 1933. De uma vertente explicitamente marxista, o manifesto procura sugerir uma alternativa de se pensar cidades perante o contexto social da época. Em 1933, a Europa sentia os pesares da Primeira Grande Guerra, da industrialização, da massificação cultural, do surgimento de um proletariado pobre, de cortiços, doenças, entre outros diversos problemas urbanos, como a falta de espaço, a insalubridade. Frente à considerada obsolescência do tecido urbano existente, a Carta de Atenas impunha-se como uma nova ordem, implicando, em termos formais, em um produto homogêneo.

Ainda que ligada ao pensamento marxista, percebe-se claramente no documento um positivismo absoluto, no qual a razão prevalece às demais leis, e a repetição da técnica leva ao progresso, independentemente das diferenças. Ao propor, através da razão, da técnica, da forma, uma solução

universal (2) para um elemento particular (1) – a cidade – o manifesto urbanístico serve para esvaziar o indivíduo, ao ignorar as diferenças, massificando-o, através de elementos repetidos dentro da própria cidade, como observaram Adorno e Horkheimer, em *A dialética do Esclarecimento*.

Eliminando os movimentos de diferenciação – sincronismo, diacronismo e anacronismo – ao propor uma solução universal de cidade, a Carta de Atenas ignora a diferença, ignora a segunda, a terceira vez; concentrando-se somente na repetição, independentemente dos elementos particulares – normalmente ligados às condições e leis naturais:

A morte atinge tanto as obras como os seres. Quem fará a discriminação entre aquilo que deve subsistir e aquilo que deve desaparecer? O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na medida em que simbolizam a alma coletiva; constituem o arcabouço de uma tradição que, sem querer limitar a amplitude dos progressos futuros, condiciona a formação do indivíduo, assim como o clima, a região, a raça, o costume. Por ser uma pequena pátria, a cidade comporta um valor moral que pesa e que lhe está indissolivelmente ligado.

Ao seu questionamento, sobre aquilo que deverá permanecer – e virar cultura – e aquilo que deve ser eliminado – e ficar somente no nível das experiências – a própria Carta responde não ser o indivíduo, muito menos a obra, por serem esses mortais; mas sim a possibilidade de repetição da mesma solução universalmente, inesgotavelmente. A obra seria mortal por não ser universal, por não servir ao mesmo propósito, a mesma função, a de bem abrigar o homem. Moderno. O homem indivíduo.

O concreto é um excelente exemplo de solução universal. Le Corbusier, o grande nome da arquitetura moderna, assim como da Carta de Atenas, possui, como maior característica, o uso do concreto. A Vila Savoye, proposta de habitação universal, construída em 1931, utilizando estrutura de laje de cogumelo, seria um exemplo da impossibilidade, ou incapacidade de criação da universalidade, da repetição dentro da arquitetura, sem ser através dos conceitos e processos de diferenciação. Para ilustrar, a Vila Savoye e seu teto de laje de concreto inundam-se a cada pequena chuva.

Ao afirmar que o espírito da cidade forma-se com o decorrer dos anos, através da valoração de construções por simbolizarem a alma coletiva, tornando-as eternas – fatores condicionantes do indivíduo –, a Carta de Atenas acaba por esvaziar os elementos particulares que formariam a generalidade do indivíduo habitante da cidade moderna a fim de propor, novamente, a solução universal baseada na repetição. Eterna cópia de si mesma. A cidade moderna fruto das propostas urbanísticas da Carta de Atenas é a cidade de Lyndon B. Johnson, ex-presidente norte-americano, que em um discurso citado por Robert Goodman, afirma serem as

cidades lugares onde a força de trabalho vive, onde deve contar com um sistema público de transporte urbano para levá-la e trazê-la do trabalho. Cidades são lugares onde o caos ou a serenidade do ambiente de vida dos trabalhadores afeta a sua produtividade e moral. A cidade é a grande e complexa organização na qual os negócios e a produção devem desenvolver-se. Se a cidade é ineficiente, fazer negócios torna-se caro e ineficiente (1972).

O homem moderno é o homem trabalho, seja no caos ou na serenidade, que habita somente para fazer contra-turno em seu emprego a fim de tornar o seu próprio habitar-se algo eficiente e barato para os negócios.

A REPETIÇÃO NA POESIA DE MANOEL DE BARROS – SIMULACROS DA DIFERENÇA EM UM SUJEITO URBANO MODERNO

A obra de Manoel de Barros é perpassa e repleta de imagens de formigas, lesmas, Bernardos, coisas inúteis, nadas. Porém, há sempre o questionamento de serem essas imagens semelhantes ou repetidas. Ao mesmo tempo em que se ganha intimidade com as coisas, se ganha argumentos para defender a repetição. No livro *O guardador de águas*, de 1989, por exemplo, surge a imagem de *um cara* cuja identidade era definida e

tinha vindo de coisas que ele juntava nos bolsos, [...] que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de mate, [...] de forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas, de tontos, libélulas – coisas (BARROS 1986:12)

E a mesma imagem de resto, de so(m)bra, aparecerá em *O livro sobre Nada*, sete anos depois, na figura do avô que sabia o valor das coisas imprestáveis (Idem 1996: 27). O *cara*, de 89, vira o avô, em 96, atribuindo uma maior intimidade do poeta para com a representação dos valores das coisas inúteis.

Parafraseando Deleuze, ao falar das ninféias de Monet, é a primeira formiga de Manoel de Barros que repete todas as outras. Ainda que apareça a primeira viva e presente, a segunda sendo infantilizada e a terceira já sem pernas. Pois através dos processos de diferenciação que o poeta (re)cria as mesmas imagens, repetindo-as, a fim de construir o simulacro do homem urbano moderno. O que não seria tal homem, senão uma formiga diante de toda a história natural do planeta, e da ordem da própria natureza, frente à razão tão professada pela Carta de Atenas, pela modernidade:

O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça. O rio Amazonas passava ao lado. Mas eu queria insistir no caso da rã. Não seja este um ensaio sobre orgulho de rã. Porque me contou aquela uma que ela comandava o rio Amazonas. Falava, em tom sério, que o rio passava nas margens dela. Ora, o que se sabe, pelo bom senso, é que são as rãs que vivem nas margens dos rios. Mas aquela rã contou que estava estabelecida ali desde o começo do mundo. Bem antes do rio fazer leito passar. E que, portanto, ela tinha a importância de chegar primeiro. Que ela era por todos os motivos primordial. E quem se fez primordial tem o condão das primazias. Portanto era o rio Amazonas que passava por ela. Então, a partir desse raciocínio, ela, a rã, tinha mais importância. Sendo que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar. Pela primazia. Por esse viés do primordial é possível dizer então que a pedra é mais importante do que o homem. Por esse viés é que a rã se acha mais importante do que o rio Amazonas. Por esse viés, com certeza, a rã não é criatura orgulhosa. Dou federação a ela. Assim como dou federação à garça quem teve um homem sentado na beira dela. As garças tem primazia. (Idem 2005)

Enquanto linguagem lírica, cada termo encerra em si sua significação, sendo insubstituível, e, portanto, repetição. Porém, a repetição não é somente lingüística, e sim do próprio simulacro que representa. A importância de a coisa ser definida pela permanência do ser no lugar é a representação da cidade moderna, que tem sua importância definida pelos elementos singulares pela universalidade do singular.

O desenvolvimento da intimidade do poeta com as coisas e as entidades coais que o leva a repetir e não a usar imagens semelhantes por todos os seus livros. Essa intimidade surge do processo de singularização dos elementos. E não individualização. Guattari, em seu livro *Micropolítica – Cartografias do desejo*, organizado por Sueli Rolnik, apresenta um ensaio intitulado *Cultura de massa e singularidade*, no qual o autor analisa a produção de subjetividade capitalística, de uma produção individual e não singular. A grande questão defendida por Guattari é que o mecanismo de diferenciação do homem moderno deve ser baseado pela singularização e não pela individualização. Dentro da obra de Manoel de Barros, o percurso percorrido pelo autor confere elementos singulares aos mesmos indivíduos, os diferenciando do homem moderno vazio. Em *O guardador de águas*, por exemplo, é um *cara*; já em *O livro sobre Nada*, é o avô. Eles entre si não são semelhantes, sendo diferenciados através dos processos já citados; mas são eles que sabem os valores das coisas inúteis, eles que representam o simulacro do homem urbano moderno, que dá valor às coisas inúteis. Eles são o mesmo indivíduo, de mesma potência, em diferentes momentos de atualização.

Esse movimento de aprofundamento da intimidade com as coisas dá-se pela repetição constante das imagens que tais coisas sugerem, por descobrir-se que

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra o pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta o lápis, que vê a uva etc.etc.
Perdoai.
Mas preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas. (Idem 1998: 79)

O mesmo processo já fora exaustivamente explanado na figura do flâneur, de Baudelaire. A figura benjaminiana do habitante anônimo da metrópole é a personagem ociosa que transforma sua própria condição de ócio em valor, diferenciando-a da multidão. Singularizando-a. Em Barros, é a figura do *cara*, do avô, ou até mesmo do eu. A figura de uma repetição de imagens que serve para fundamentar a afirmação de ser a maior riqueza do homem – urbano e moderno – a sua incompletude, pois o sujeito que abre portas, compra pão, puxa válvulas é apenas semelhante, multidão; e o homem incompleto é aquele que se constrói, se identifica, se atualiza através dos Outros, que através da sua diferenciação em relação ao outro se identifica enquanto singular, enquanto repetição e enquanto potência, portanto, simulacro.

Um, o homem moderno e urbano, é indivíduo, sujeito. O Outros é o homem mesmo, depois de lhe aplicada a arte de renovar os homens usando borboletas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. & HORKHEIMER, Max. *A dialética do Esclarecimento*, São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2006.

BARROS, Manoel. *Livro sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 9ª Edição, 1996.

_____. *Memórias inventadas. A primeira infância*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. O guardador de águas. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record 3ª Edição, 1996.

BENJAMIN, Walter. O narrador IN: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. Parigi capitale Del XIX secolo. Turim: Einaudi, 1986.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORBUSIER, Le. A carta de Atenas. In:

<http://ns.rc.unesp.br/igce/planejamento/carta%20de%20atenas.pdf>

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOODMAN, Robert. After the planners. London: Penguin Books: 1972.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. Micropolíticas: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIRNO, Paolo. El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico. Buenas Aires: Paidós, 2003.

Autor:

¹ Mestrando Fernando Floriani PETRY
Universidade Federal de Santa Catarina
ferpetry@terra.com.br